

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

ISABELA BAIOCATO

A POSIÇÃO DO SUJEITO NOS ANÚNCIOS DA REVISTA *A CIGARRA*



ARARAQUARA - SP
2012

ISABELA BAIOCATO

A POSIÇÃO DO SUJEITO NOS ANÚNCIOS DA REVISTA *A CIGARRA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em LETRAS.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Andrade Berlinck

ARARAQUARA - SP
2012

Aos meus pais, Walmir e Márcia,
que com amor e dedicação, propiciaram este meu feito.

A Miguel, meu sobrinho, dedico na esperança
que ele cresça sedento por conhecimento.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela presença constante em minha vida, por iluminar os meus caminhos, pela superação aos desafios, pelas oportunidades, pelas pessoas especiais que colocou em meu caminho, pelos momentos de paz e de sabedoria, por esta conquista e por me mostrar que milagres existem e que eu posso alcançar absolutamente tudo, se Ele estiver ao meu lado.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, que me acolheu e conduziu esta pesquisa com toda a dedicação e sabedoria que lhe são peculiares. A você, Rosane, que me abriu portas, que me indicou os caminhos e me ajudou a percorrê-los, que me introduziu nesse mundo acadêmico, que despertou em mim o amor pela Sociolinguística, a minha eterna gratidão. A você, minha orientadora, que representa um verdadeiro modelo de profissionalismo e competência, a quem devo este feito, a minha eterna admiração.

Aos meus pais, base de tudo que sou, agradeço pelo modo como me educaram, pelo amor imenso que sempre me ofereceram, pela vida feliz e confortável que me proporcionaram e, principalmente, por nunca terem medido esforços para que eu concluísse os meus estudos. Agradeço também a todos os meus familiares, de modo especial, meus avós, pelo apoio que me deram, no decorrer desta trajetória.

À Teresa, à Camila, à Vivian, à Mariana e à Marina pela amizade, pelos conselhos e por todos os momentos divertidos e inesquecíveis que passamos juntas. Agradeço especialmente à Juliana, companheira de todas as horas, que sempre esteve pronta para me ajudar, nos momentos de angústia e desespero, com quem partilhei tantas alegrias, medos e lamentações.

E, novamente, à Teresa, pela amizade, pelo afeto, por ter me ajudado a superar esse momento difícil da conclusão de curso, e tornado mais felizes os meus dias em Araraquara. Saiba que, mesmo quando distante, você esteve presente.

Resumo

A relevância deste trabalho consiste no fato de não haver, ainda, um estudo sobre a posição do sujeito no período específico detalhado, entre os anos 1914 – 1924. Deve-se lembrar que estes estudos visam encontrar explicações para mudanças que ocorrem de fato na língua. Para tal, a análise da variação é uma condição essencial, já que a mudança decorre de uma situação de variação. As pesquisas na área de Variação e Mudança Linguística exigem que o pesquisador esteja atento a mudanças abruptas que possam ocorrer ao longo de seu projeto. Isso quer dizer que, lidando diretamente com um fenômeno variável, qualquer incidente que ocorra faz com que se altere o resultado final da pesquisa. Ao final da análise dos resultados foi possível concluir que a posição do sujeito varia de acordo com o verbo utilizado na sentença. Além disso, vale ressaltar que foram poucos dados analisados, o que significa que para se confirmar uma mudança na língua precisaríamos de um número maior de dados, além de comparar nossos resultados com estudos sobre estágios anteriores da língua.

Palavras-chave: posposição, sujeito, variação, mudança linguística.

Résumé

La pertinence de ce travail réside dans le fait qu'il y a aussi une étude sur la position du sujet dans la période spécifiée, entre les années 1914 à 1924. Il faut se rappeler que ces études visent à trouver des explications pour les changements qui se produisent réellement dans la langue. A cet effet, l'analyse de la variation est essentielle, car un changement survient dans une situation de changement. Les recherches dans le *Variação e Mudança Linguística* exigent que le chercheur soit conscient des changements brusques qui peuvent survenir tout au long de votre projet. Cela signifie que de traiter directement avec un phénomène variable, tout incident qui se produit les causes ne changera pas le résultat final de la recherche. Après l'analyse des résultats a permis de conclure que la position de l'objet varie avec le verbe utilisé dans la phrase. Par ailleurs, il est intéressant de noter que peu de données ont été analysés, ce qui signifie pour confirmer un changement de la langue aurait besoin d'un plus grand nombre de données et de comparer nos résultats avec les études de phases antérieures de la langue.

Mots-clés : postposition, de variation de sujet, le changement linguistique.

Lista de Figuras

Figura 1.	<i>A Cigarra</i> , maio, 1919.	26
Figura 2.	<i>A Cigarra</i> , maio, 1919.	27

Lista de Tabelas

Tabela 1. Frequência de V SN	17
Tabela 2. Frequência de V SN segundo a transitividade do verbo	18
Tabela 3. Porcentagem de posposição com tipos de verbo	33
Tabela 4. Porcentagem de posposição com tipos de sujeito	34
Tabela 5. Tipo de verbo x Tipo de sujeito	34
Tabela 6. Posição do sujeito segundo a Voz da construção	35
Tabela 7. Porcentagem de dados relativos ao Tipo de sujeito x Voz da construção	36

Sumário

A Posição do Sujeito nos Anúncios da Revista *A Cigarra*

1. Introdução.....	10
2. Embasamento teórico.....	12
2.1.O estudo histórico da língua.....	12
2.2.O objeto de estudo: a posição do sujeito.....	16
2.3.Gênero textual.....	20
3. Procedimentos metodológicos.....	24
3.1.Fonte de dados: A Revista <i>A Cigarra</i>	25
3.2.Seleção de dados.....	28
3.3.Grupos de fatores.....	29
4. Análise dos dados.....	33
4.1.Resultados gerais.....	33
4.2.Investigando os padrões de construção.....	37
5. Conclusão.....	40
6. Referências bibliográficas.....	42

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é analisar a ordem dos constituintes da sentença, com foco para a posição do sujeito, a partir de anúncios publicitários retirados da revista *A Cigarra*, periódico lançado no início do século XX. A teoria que dará suporte às nossas investigações é a Teoria da Variação e Mudança Linguística, um modelo teórico que se filia à Sociolinguística, em sentido amplo. Além disso, proporemos uma metodologia que nos permitirá compreender e analisar as nuances do tipo de texto em que está inserido nosso *corpus*.

A relevância deste trabalho consiste no fato de não haver, ainda, um estudo sobre a posição do sujeito no período específico detalhado, entre os anos 1914 – 1924. O que há são estudos em períodos anteriores e posteriores a este recorte temporal. Então, esta pesquisa dará continuidade a estes estudos sociolingüísticos com o objetivo de colaborar com um pouco mais de resultados que poderão ser retomados, posteriormente, a fim de dar maiores respostas às indagações lingüísticas recorrentes.

Deve-se lembrar que estes estudos visam encontrar explicações para mudanças que ocorrem de fato na língua. Para tal, a análise da variação é uma condição essencial, já que a mudança decorre de uma situação de variação. De acordo com Faraco (2005), “as línguas mudam com o passar do tempo [...] as línguas humanas não constituem realidades estáticas”, isto quer dizer que estruturas lingüísticas sofrem alterações com o passar do tempo. É este o ponto exato deste trabalho: analisar uma construção lingüística para tentar entender como ocorrem as mudanças.

Abordaremos, também, a concepção de linguagem da Sociolinguística e o estudo histórico da língua que leva em consideração a sociedade e a língua que ela fala, o que pode desencadear uma possível mudança lingüística. Assim, podemos compreender, por exemplo, como do latim chegou-se a essa realidade de hoje, como uma língua se ramificou em diversos outros idiomas e como uma língua que não seguia uma ordem fixa originou tantas outras com uma sintaxe que demarca posições de seus constituintes.

Por outro lado, daremos ênfase ao gênero textual que representam os textos que serviram de fonte de dados para a análise de nosso objeto de estudo. Aos anúncios publicitários contidos n^o *A Cigarra* foram dedicadas páginas sempre no começo e fim daquele periódico; por aí já se pode notar o quão importante era ter uma marca veiculada por um produto voltado para uma parte seleta da sociedade paulistana. Como

veremos, *A Cigarra* era uma revista de variedades, que continha um lado informal, como comentar sobre a vida social dos paulistas, e outro lado formal dedicado a poemas de renomados escritores.

Deve-se, contudo, justificar a escolha desse gênero textual para a pesquisa. Os anúncios publicitários empregam uma linguagem diferente em relação aos demais textos da revista. As propagandas são uma forma “descontraída” de vender um produto, é como se os anunciantes, utilizando uma linguagem menos formal, abarcassem a todas as classes sociais. Assim, em uma linguagem mais coloquial, podem aparecer nos anúncios as variações lingüísticas que são “apagadas” em um contexto mais formal.

Sendo assim, a partir dessa hipótese a respeito dos anúncios publicitários, além de verificar a posição do sujeito e, por conseguinte, a ordem dos elementos que constituem uma sentença, procuraremos descobrir com qual frequência este sintagma nominal varia de posição e, mais do que isso, se há alguma regularidade nessa frequência, permitindo que o sujeito ora seja posposto, ora anteposto ao verbo. Essa análise, como veremos, dar-se-á por meio da análise de grupos de fatores que se referem aos constituintes da sentença: tipos de sujeito, tipos de verbo, tipo de construção frasal e tipo de voz da construção (ativa ou passiva).

2. Embasamento teórico

Nessa seção, expomos sucintamente as bases teóricas do nosso estudo e apresentamos o objeto do estudo – a posição do sujeito na oração. Em termos de fundamentação, trazemos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e conceitos relativos a gênero textual.

2.1 O estudo histórico da língua

Para dar início ao estudo histórico, devemos ressaltar que a mudança lingüística é contínua e se dá em todas as línguas. Assim, o estado momentâneo da língua é resultado de um longo e contínuo processo histórico pelo qual passam as línguas. Mesmo elas sendo imperceptíveis aos falantes, as mudanças estão ocorrendo através do tempo. Uma língua somente desaparece se a sociedade que a fala, também, desaparecer. Dessa forma, as línguas sofrem mutações por causa de seus falantes, são eles os responsáveis por manter uma língua viva. Sendo assim, uma língua que sofre mudanças é uma língua que vive. Para uma língua desaparecer totalmente, é necessário que o seu fluxo histórico seja interrompido. Diferente é, porém, o caso do latim que, segundo Faraco (2005, p.45)

Nenhuma sociedade hoje fala o latim propriamente dito. Contudo, de certa maneira, ele continua sendo falado, embora de forma bastante alterada, pelas sociedades que falam as chamadas línguas românicas como o português, espanhol [...]. Nesse caso, embora se possa dizer que o latim está há muito extinto, o fluxo histórico nunca se interrompeu: houve um [...] ininterrupto processo histórico de transformações do latim que resultou nas diferentes línguas românicas.

O que deve ficar claro é que a mudança lingüística é lenta e gradual, nunca ocorre de forma abrupta, o que faz com que essa mudança se torne imperceptível ao falante. A lentidão e a gradualidade se justificam pela necessidade de comunicação permanente entre os falantes. Se as mudanças ocorressem de forma abrupta e repentina, as bases da interação socioverbal seriam destruídas. Portanto, mesmo com as mudanças, a estrutura da língua permite que a comunicação entre falantes não se perca, pois ela comporta os recursos necessários para a circulação dos significados. Assim sendo, na história das línguas, não existem momentos de transformações radicais de uma estrutura

lingüística. O que há são contínuas alterações da configuração estrutural das línguas, o que não interfere na plenitude estrutural e no caráter sistêmico das línguas (cf. Faraco, 2005).

Além disso, a mudança lingüística ocorre somente em partes da língua, não em um todo. Daí vem aquela sensação de que as línguas estão em constante repouso, embora estejam em um “complexo jogo de mutação e permanência”. Nesse mesmo sentido, as gramáticas tradicionais e o ensino empregado nas escolas fazem com que a imagem estática da língua seja mais facilmente construída pelo falante, restando temporariamente o processo de mudança.

Isso não significa que o usuário da língua não perceba, às vezes, que ocorrem mudanças em sua língua. Segundo Faraco (2005, p.16), isto ocorre quando os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua e, até mesmo, na convivência de diferentes gerações de falantes convivendo no mesmo momento histórico. Assim, nessas situações, o falante pode perceber a ocorrência de mudanças em sua língua.

Deve-se ressaltar que os elementos lingüísticos inovadores aparecem com maior frequência na fala das gerações mais novas, por isso o contraste entre diferentes gerações aponta a ocorrência da mudança lingüística. Porém, cabe lembrar que “muitas dessas diferenças são apenas variantes características da fala de cada grupo e nada têm a ver, em princípio, com a mudança” (FARACO, 2005, p.23). Ou seja, uma variante lingüística nem sempre irá resultar em uma mudança lingüística, mas o oposto é válido, uma mudança lingüística pressupõe uma variação.

Um outro modo de se detectar a mudança lingüística é voltando-se a atenção para a língua escrita, comparando-a com a língua falada. Para um falante comum, a percepção da mudança vem quando, no momento de escrever, a sentença produzida na fala ainda é inaceitável na escrita, surgindo, assim, a dificuldade de redigir a sentença. Tal fato ocorre devido ao conservadorismo da língua escrita, pois ela está mais fortemente ligada à norma gramatical. Faraco (2005, p.25) justifica da seguinte maneira esta situação:

[...] o próprio fato de a escrita, realizando-se por meio de uma substância mais duradoura que o som, ter uma dimensão de permanência que, em geral, falta à língua falada, o que favorece o exercício do controle social mais intenso sobre ela do que sobre a fala, decorrendo daí a preservação de padrões mais conservadores de linguagem e o conseqüente bloqueio à entrada de formas inovadoras.

Um outro ponto a ser observado é que as mudanças podem advir de uma parcela da população pouco prestigiada tanto na fala como em termos socioeconômicos (como muitas vezes é o caso de moradores de periferias). É com a quebra de juízos de valor que as formas inovadoras adquirem condições de se expandir para outras variedades da língua. Desse modo, a forma inovadora pode ser transportada para centros urbanos, ganhando um caráter de elite por meio de centros de maior prestígio. Além de ser conduzida aos grandes centros, a variação lingüística pode surgir, também, no meio urbano, entre classes mais favorecidas, fazendo com que a variedade seja aceita mais facilmente pela população, pois é divulgada por alguém de “prestígio”. Portanto, percebe-se que a mudança lingüística está envolvida em um complexo jogo de valores sociais que influenciam sua expansão de uma para outra variedade da língua (cf. Faraco, 2005, p.29).

Então, estudar a história das línguas é ter ciência de que a língua é “uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade”. Isso exige um rompimento com a imagem homogeneizada cultivada pelas gramáticas tradicionais que impõem uma certa variedade como única, qualificando as demais como “incorretas”. Segundo Faraco (2005, p.32), “cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala”. Assim, a estrutura socioeconômica, a visão de mundo, o nível de escolaridade, os meios de informação influenciam na produção de fala do usuário da língua.

Além disso, o espaço geográfico possui influência na variação lingüística. Em um país vasto de território, como o Brasil, manter um mesmo padrão lingüístico de Norte a Sul é impossível. Desse modo, uma variedade lingüística utilizada no extremo Norte do país não será empregada de uma mesma maneira no Sul, pois os povos possuem diferentes experiências de vida e as regiões foram ocupadas e se desenvolveram em diferentes momentos históricos. As variedades empregadas por um sertanejo não são as mesmas empregadas por um paulista, pois suas histórias e experiências de vida são diferentes.

Nesse mesmo caminho, dentro de grandes cidades ocorre o mesmo: grupos socioeconômicos privilegiados se diferenciam, em história e experiência, dos grupos menos privilegiados. O mesmo pode se dizer de comunidades afastadas no tempo: os falares do século XVIII se diferenciam dos falares do final do século XIX, assim como,

também, este se diferencia dos falares do início do século XXI. Isto demonstra o quanto as línguas estão em contínuo processo de mudança. Sob esse aspecto, vale ressaltar que do ponto de vista lingüístico, as variedades se equivalem, todas têm organização e todas servem para articular a experiência do grupo que as usa. (cf. Faraco, 2005, p.33).

Para falar de mudança lingüística, deve-se lembrar do fato de que ela ocorre em qualquer parte da língua, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Para este trabalho, será dada maior ênfase à variação na organização da sentença, ou seja, mudanças no caráter sintático da língua. Mas cabe ressaltar que, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas. Dentre todos estes níveis, o mais estudado em lingüística histórica é o fonético-fonológico que possui uma “metodologia refinada e um razoável vocabulário técnico” empregado pelos lingüistas. Segundo Faraco (2005, p.35), “nos demais níveis, os estudos são, em geral, menos desenvolvidos; a terminologia é, em consequência, mais precária”.

Dando continuidade aos estudos de um destes níveis, procurar-se-á dar uma maior ênfase à mudança sintática. Nesse sentido, a questão da ordem dos constituintes no interior da estrutura da sentença será abordada durante a análise de dados coletados para a pesquisa. Por hora, fixemos nossa atenção ao fato de que mudanças sintáticas tiveram extrema relevância na passagem do latim para as línguas românicas. Em relação a isso, Faraco (2005) explica: “numa língua como o latim, em que as palavras têm flexão de caso para indicar sua função sintática, sua ordem na estrutura sentencial é mais livre. Perdida essa flexão, a ordem se torna mais rígida, como nas línguas românicas” (p.39). É o que ocorre com a língua portuguesa, de origem românica. Os constituintes da sentença são relativamente fixos por uma ordem, normalmente Sujeito+Verbo+Complementos, que, se invertida, por não ter flexão indicando sua função sintática, pode ocasionar diferentes interpretações de significado, podendo levar à ambigüidade.

2.2 Objeto de estudo: a posição do sujeito

Nesta seção, daremos maior destaque à questão dos constituintes da sentença, mencionada anteriormente. Como já foi dito, em português a ordem mais usual dos elementos da oração é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) e, se alterada esta ordem, o significado da sentença pode mudar, como veremos nos exemplos emprestados de Pontes (1987, p.105):

“O leão devorou o menino”

“O menino devorou o leão”

Desse modo, podemos dizer que esta ordem tem valor sintático, pois a posição dos constituintes sentenciais é relevante para a definição da sua função. A esse respeito, Eunice Pontes (1987, p.105) explica que

Esta é a regra que vigora para as sentenças com verbo transitivo e sua função, nitidamente, é assegurar o significado. Se colocarmos o sujeito de uma oração transitiva depois do verbo, surge o perigo da ambigüidade.

Porém, a posposição do sujeito em orações transitivas é possível desde que se tenha um contexto que assegure a correta interpretação das relações estabelecidas entre os constituintes, não havendo perigo de confusão. Em suma, a finalidade da ordem é assegurar a comunicação:

“Debatem os lazaristas

o grave dilema” (C.D.A., 1922, *apud* Pontes, 1987)

Em relação à posposição do SN, Berlinck (1989) afirma que, durante o século XVIII, era relativamente freqüente esse tipo de colocação do sujeito; seu uso se torna gradativamente menos comum nos séculos XIX e XX, como se observa na tabela 1.

Tabela 1. Frequência de V SN segundo *corpus* analisado por Berlinck (1989) em 1.217 orações declarativas.

<i>Corpus</i>	%	N
Século XVIII (1750)	42%	203/486
Século XIX (1850)	31%	144/469
Século XX (1987)	21%	263/1262

Fonte: BERLINCK, 1989, p.97.

A autora explica que, nos dados do século XVIII, quanto maior o grau de “novidade” do referente do SN (sintagma nominal), maior a probabilidade de ocorrência de posposição ao verbo. Porém, nos séculos que se seguiram, o tipo de verbo-predicador gradualmente se fortalece e assume o papel central na definição da ordem (cf. Berlinck, 1989).

Assim, a ordem SVO pode sofrer variações, dependendo do tipo de verbo empregado na sentença. Se o verbo utilizado for transitivo, a ordem dos constituintes da sentença, normalmente, será SVO. Já, se olharmos orações intransitivas, esta estatística é diferente, pois a ocorrência VS é mais significativa. É o que mostram os resultados expostos na tabela 2.

Tabela 2. Frequência de V SN segundo a transitividade do verbo, nos três corpora.

Corpus	XVIII		XIX		XX	
	%	N	%	N	%	N
Intransitivo-existencial	100%	14/14	97%	30/31	99%	322/326
Intransitivo-não-existencial	59%	40/68	47%	36/76	46%	127/272
Verbo de ligação	47%	67/144	30%	40/133	23%	107/456
Expressão fixa	47%	16/34	28%	9/32	13%	10/76
Transitivo indireto	34%	27/79	36%	33/91	8%	8/91
Transitivo direto	34%	40/118	21%	20/96	3%	11/343
Bitransitivo	30%	13/43	15%	6/41	0%	0/22

Fonte: BERLINCK, 1989, p.102.

Tarallo e Kato (1989, *apud* Berlinck) fornecem uma alternativa estrutural para a interpretação desses fatos. A ordem V SN é abordada como um fenômeno heterogêneo, distinguindo três possibilidades dessa construção:

a) com verbos ergativos:

Existem contra a caspa muitas loções mais ou menos perfumadas e de resultados illusorios. (“A Cigarra”, agosto, 1919, nº117, p.57)

Livres de falsidades e isentos de lúgubres mysterios, brilha com elles a esplendorosa luz da intelligencia. (“A Cigarra”, dezembro, 1919, nº125, p.09)

Desappareceram em pouco tempo as sardas espinhas e manchas, com o uso do creme Aura. (“A Cigarra”, dezembro, 1919, nº 125, p.68)

b) com anteposição do verbo (em orações interrogativas, subordinadas, ou com certos tipos de advérbios antepostos):

Porque na meza das famílias dos mais emminentes médicos vê-se sempre o Biotonico? (“A Cigarra”, setembro, nº119, 1919, p.15)

Em 31 de agosto se procederá o sorteio de um nome dentre os compradores de Grammophones na secção de varejo desse mez.

(“A Cigarra”, agosto, 1914, nº08, p.11)

Com 5\$000 abre-se neste banco uma conta corrente.

(“A Cigarra”, dezembro, 1914, nº14, p.48)

c) com a inversão livre:

Pode ser obtida a Magnesia Bisurada em qualquer pharmacia. (“A Cigarra”, janeiro, 1919, nº104, p.08)

Em todas as possibilidades há um traço comum e fundamental, a mono-argumentalidade da construção, isto é, o verbo possui somente um argumento expreso. Assim, construções V SN com verbos transitivos, que a princípio apresentavam restrições, seriam perfeitamente possíveis dentro deste contexto da construção.

Ainda sobre essa questão, a ordem dos constituintes da sentença com verbos transitivos, há algumas divergências entre os estudiosos sobre qual SN recebe destaque no momento em que as posições de sujeito e complemento são invertidas: SVO passa a ser OVS. Sabe-se que, desde que se assegure a interpretação correta, é permitida a inversão dos elementos nominais. Todavia, alguns estudiosos dizem que, com a inversão, o elemento que teve sua posição invertida é realçado na sentença. Porém, como saber qual SN tem maior destaque: o sujeito, por vir posposto ao verbo, ou o objeto/complemento nominal por estar anteposto ao verbo? Dessa forma, não podemos encarar a ordem “invertida” como um elemento estilístico de realce. Diferente disso, Cunha (*apud* Pontes), afirma que a inversão realça o elemento invertido, porém, ele não deixa claro qual SN, que teve sua posição trocada na sentença transitiva, é o elemento destacado.

Como já mencionamos na Introdução, para este trabalho optamos por um recorte temporal no início do século XX, para a verificação da posição do SN dentro da sentença. Assim sendo, selecionamos um *corpus* que poderia nos mostrar usos variáveis e possíveis indícios de mudança e que nos auxiliasse na averiguação da ordem empregada com maior frequência nos anos iniciais daquele século. Como se sabe, a partir dos estudos já realizados, a ordem V SN é encontrável mais facilmente com

verbos intransitivos, sendo este um ponto buscado nesta pesquisa. Nesse sentido, pode-se hipotetizar que, nos dados com os verbos transitivos analisados no *corpus*, esta ordem será restrita, a fim de assegurar a perfeita comunicação.

2.3 Gênero textual

“É impossível não se comunicar verbalmente sem ser por meio de algum gênero”, é o que afirma Marcuschi (2008) em seu texto sobre gêneros textuais no ensino de língua. O autor continua afirmando que a manifestação verbal sempre ocorre por meio de textos que se encaixam em algum tipo de gênero. O estudioso defende a idéia de que o conceito Gênero Textual se refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Ou seja, dentro da categoria gêneros textuais se enquadram os “textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais [...]” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Os gêneros textuais agem como formas culturais e cognitivas de ação social dentro da linguagem. Eles se moldam conforme a necessidade da língua e de seus falantes. Todavia, isso não quer dizer que os gêneros não possuem uma identidade; tanto possuem como são entidades poderosas que, durante a produção textual, nos condicionam a escolhas, não permitindo o total livre arbítrio, limitando nossa ação na escrita ou na fala. Desse modo, os gêneros textuais são entidades comunicativas cuja tipicidade é definida por suas características funcionais. Sendo assim, as distinções entre um gênero e outro não são predominantemente lingüísticas e sim funcionais.

Existe uma certa dificuldade para se classificar os gêneros, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada. Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável. Sendo assim, a tendência atual é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. Portanto, pode-se dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Assim, surge a idéia de um caráter essencialmente sócio-histórico dos gêneros textuais, sendo eles necessários para a interlocução humana. Da mesma forma que Marcuschi, um outro estudioso da área, Bhatia, defende a idéia de que (2001, p.103)

os gêneros se definem essencialmente em termos do uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais [...] que, por sua vez, estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, até certo ponto, impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais.

De acordo com este teórico, ainda, existem três diferentes abordagens importantes que caracterizam o estudo dos gêneros. O primeiro é a *ênfase no conhecimento convencionalizado*, que dá a cada gênero sua *integridade*. O segundo é a *versatilidade da descrição dos gêneros*, e o terceiro é a *tendência para a inovação*, mesmo parecendo contraditório ao primeiro.

A primeira abordagem apontada condiz com o que foi mencionado, anteriormente, por Marcuschi. Os gêneros, mesmo sendo estruturas dinâmicas, possuem uma identidade. O que se quer dizer é que os aspectos convencionalizados, institucionalizados e permissíveis são o denominador comum para um modo de abordagem para a construção dos gêneros. Para se concretizar uma nova categoria genérica, primeiramente, é necessário um certo período de tempo para que a padronização desse novo estilo de gênero seja reconhecida. Um bom exemplo seria compararmos um novo tipo de gênero com uma variação/mudança que ocorre na língua. Ambos levam tempo para se fixarem em seus respectivos contextos, somente quando estão bastante padronizadas, é o momento de serem reconhecidas formalmente.

O segundo aspecto mais importante na categoria dos gêneros é a sua versatilidade, que opera em vários níveis. Pode-se ver a versatilidade da descrição lingüística baseada em gêneros em vários níveis da descrição de gêneros. A teoria de gêneros combina as vantagens de uma visão mais geral dos usos da língua, por um lado, com sua realização bem específica, por outro. O próprio conceito de propósito comunicativo é versátil. Por um lado, ele pode ser identificado em nível realmente alto de generalização, enquanto, por outro lado, pode ser limitado a um nível bem específico. Ou seja, Bhatia (2001) explica que, dependendo da finalidade comunicativa, a versatilidade dos gêneros permite que o texto se enquadre em um gênero específico, e até mesmo, identifique o status de um gênero em particular. Isso pode ocorrer, por exemplo, com textos veiculados por anúncios publicitários, propagandas, que empregam um tipo específico de texto para ‘atuar’ dentro desse gênero textual, ou seja, textos que têm a finalidade de mostrar e vender um produto.

O terceiro e último aspecto apontado por Bhatia é a capacidade de inovação dos gêneros. Sob este aspecto, nota-se que os “gêneros têm uma tendência natural à inovação e à mudança” (BHATIA, 2001, p.105). Como já foi sinalizado por Marcuschi, a maioria dos gêneros possuem uma complexidade dinâmica que se adéqua ao contexto. Dessa forma, percebe-se que esta característica presente nos gêneros complementa uma outra, mencionada anteriormente, a de ser versátil. Sendo versáteis, os gêneros são maleáveis, possibilitando uma permuta entre as categorias genéricas. Assim, eles se mantêm em constante inovação, podendo até criar uma nova categoria ou subcategoria de gêneros.

Um outro aspecto, que exerce significativa influência sobre os gêneros textuais, é o contínuo verificado entre fala e escrita. Como estão ancorados na sociedade e nos costumes, os gêneros textuais podem variar de cultura para cultura. Isso ocorre porque, muitas vezes, eles refletem situações sociais próprias de cada ambiente. Logo, pode-se dizer que sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas. É o que acontece

[...] em centros urbanos sofisticados [onde] são quase desconhecidos gêneros como os *cantos de guerra* indígenas, os *cantos medicinais* dos pajés ou as *benzeções* das rezadeiras, os *lamentos* das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, tal como o *editorial* de um jornal diário ou uma *bula de remédio* em nossas sociedades (MARCUSCHI, 2008, p.190-1 – grifos do autor).

Sendo assim, a fala e a escrita, enquanto forma de representação de ações sociais, podem influenciar na definição de gêneros textuais. Sabe-se que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua e, além disso, são realizações de uma mesma gramática, mas, do ponto de vista semiológico, a escrita não representa a fala, apresentando diferenças bem acentuadas. (cf. Marcuschi, 2008)

É sabido que há muito mais gêneros na escrita do que na fala, o que de início nos parece surpreendente, mas, segundo Marcuschi (2008), explicável pela diversidade de ações lingüísticas que praticamos no dia-a-dia na modalidade escrita. Desse modo, as civilizações que têm a escrita funcionando como papel central, tendem a diversificar de maneira acentuada as formas textuais utilizadas. Então, pode-se concluir que a tarefa de se classificar um gênero é árdua, devido a inúmeras formas pelas quais um mesmo texto é tratado dentro de variadas sociedades. Assim sendo,

[...] em última análise, a distribuição da produção discursiva em gêneros tem como correlato a própria organização da sociedade, o que nos faz pensar no estudo sócio-histórico dos gêneros textuais como uma das maneiras de entender o próprio funcionamento social da língua (MARCUSCHI, 2008, p.208).

Em outras palavras, o gênero textual é um dos caminhos que podem auxiliar a busca pelo entendimento do complexo sistema lingüístico e suas variações. Sendo assim, para este trabalho, a fim de colaborar com esta idéia, selecionamos um gênero textual específico – anúncio publicitário - que nos auxiliará na procura por variações e mudanças que ocorrem na língua portuguesa, mais especificamente, em seu nível sintático.

Considerando o caso dos gêneros promocionais, para Bhatia (2001), encontramos o discurso promocional na forma de uma constelação de gêneros intimamente relacionados, dotados do mesmo propósito comunicativo de promover um produto, apresentando diferenças sutis em sua realização. É ainda possível fazer distinções entre suas realizações mais específicas. Bhatia cita exemplos como anúncios impressos, comerciais de TV, anúncios radiofônicos e outros, e, para isso, explica (2001, p.105)

As diferenças entre esses gêneros são pouco discerníveis em termos de propósitos comunicativos e mais em termos do meio de discurso e portanto pertencem, como gêneros, à mesma categoria geral popularmente conhecida como anúncios.

Ou seja, seja qual for a subcategoria, todos esses anúncios servem ao mesmo conjunto de propósitos comunicativos, embora a maioria deles utilize estratégias diferentes para promover o produto. Em relação aos anúncios impressos, ainda é possível encará-los em termos de categorias como anúncios diretos, anúncios com associação de figuras e legendas, anúncios baseados na imagem (Bhatia, 2001). Porém, de acordo com Bhatia, em cada caso, é certo que encontraremos diferenças sutis no uso de estratégias para descrição do produto e que essas diferenças ocasionarão usos específicos dos recursos lingüísticos.

3. Procedimentos metodológicos

Sendo o anúncio publicitário o gênero textual escolhido para a coleta de dados, a questão que entra em foco neste tópico é a seleção dos dados contidos nos anúncios. Ou seja, quais os critérios utilizados para a escolha, já que algumas sentenças foram excluídas da análise, mesmo estando dentro de um anúncio publicitário. Além disso, outro ponto importante, são os grupos de fatores que auxiliam na análise da estrutura da sentença. Não podemos deixar de mencionar, também, o *corpus* empregado na pesquisa, a importância que a revista *A Cigarra* teve dentro da sociedade brasileira no início do século XX e quais seus objetivos para com os leitores.

Sendo assim, damos início à exposição dos procedimentos metodológicos relativos à coleta e análise de dados. Sabe-se que, para esta pesquisa, trabalhamos somente com dados da língua escrita, não sendo necessário o contato com indivíduos, pesquisa que exigiria uma maior atenção com a coleta de dados da língua falada. A pesquisa sociolinguística obriga o pesquisador a prever alguns cuidados nos procedimentos metodológicos, pois qualquer deslize poderá prejudicar toda uma pesquisa. Ao se trabalhar com a língua, seja a falada seja a escrita, temos que definir fronteiras e nos atentar ao fato de que há um limite proposto, tendo de ser respeitado, a fim de não colocar em risco e/ou interferir no resultado esperado.

Assim, pesquisas na área de Variação de Mudança Linguística exigem que o pesquisador esteja atento a mudanças abruptas que possam ocorrer ao longo de seu projeto. Isso quer dizer que, lidando diretamente com um fenômeno variável, qualquer incidente que ocorra faz com que se altere o resultado final da pesquisa. Logo, o pesquisador deve construir um método a ser seguido durante toda a pesquisa, elaborar um roteiro, não podendo se desviar dele. Esse roteiro deverá conter, principalmente, o objetivo do trabalho, como também os fatores a serem analisados, os critérios de inclusão e exclusão para a coleta de dados.

Além disso, há de se ressaltar a relação entre três conceitos que embasam qualquer pesquisa: teoria, método e objeto. Conforme explica Tarallo (2007), o objeto de estudo é o principal conceito que norteará qualquer pesquisa (2007, p.18)

É a partir de sua existência real, com todas as suas inúmeras, infinitas e possíveis facetas, que tentaremos construir um modelo teórico. Nesse sentido, a teoria, em princípio, deverá dar conta de todos os fatos disponíveis, pois, em sua constituição, ela não filtrou os fatos: ela os analisou a todos!

Portanto, a sociolinguística toma o “objeto bruto” como ponto de partida para a seleção do modelo teórico-metodológico. Nesse sentido, podemos dizer que nesta recente pesquisa sobre uma possível variação na posição do sujeito, buscamos primeiramente informações sobre o nosso objeto de estudo; posteriormente, optamos por uma teoria a ser seguida, a Teoria da Variação e Mudança Linguística; e, por fim, o método pelo qual a teoria aplica-se ao objeto.

3.1 Fonte de dados: A Revista *A Cigarra*

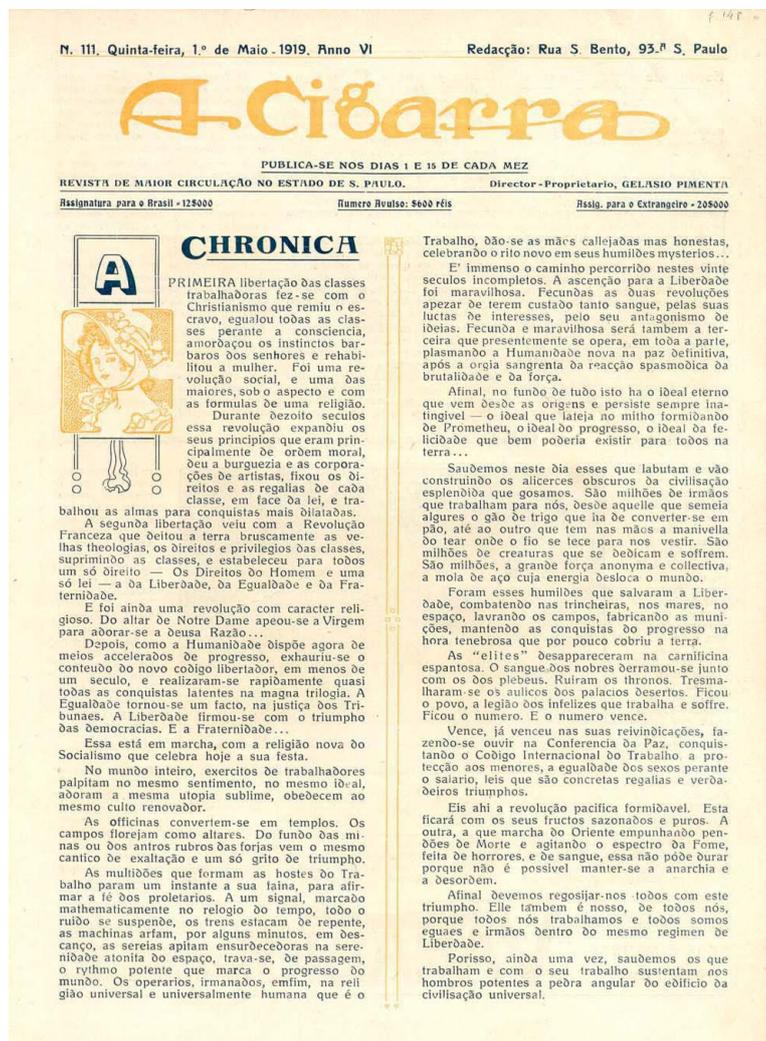
Publicada entre 1914 e 1975, *A Cigarra* foi um periódico extremamente relacionado com as diversas transformações culturais ocorridas nas primeiras décadas do século XX, fazendo crer que a imprensa aparecia como uma consequência da modernidade na cidade de São Paulo. O período do surgimento d’*A Cigarra* coincidiu com o momento de grandes transformações na imprensa. No início do século XX, jornais e revistas que circulavam pela cidade de São Paulo faziam referência sobre a vida cultural e social dos paulistanos. Além disso, houve um processo crescente de popularização da imprensa que abarcava não somente o público letrado (cf. Matos, 2008).

A Cigarra trazia nas suas publicações, além de textos e artigos, publicidades, fotografias e outras imagens que permitiam a comunicação com diferentes públicos. Esse periódico participou ativamente dos modos de viver e de pensar da cidade, utilizando a imprensa como prática social em constituição. Isto é comprovado pelo próprio formato do periódico, como veremos a seguir.

A imprensa na qual se inseria *A Cigarra* era responsável por transmitir ao público leitor novas linguagens, costumes, comportamentos e hábitos da sociedade paulistana. Para a historiadora Hivana Mara Zaina de Matos (2008) “a leitura dos exemplares d’*A Cigarra*, no entanto, permitiu inventariar seus assuntos, possibilitando a análise de seu projeto editorial como uma revista de variedades que reunia o aspecto noticioso, o literário e o de entretenimento” (p.03). Ou seja, o fato de abordar diferentes assuntos, abranger textos sérios e cômicos, fotografias e reportagens, poemas e notas sociais, textos de literatos e espaços abertos aos mais variados tipos de leitores, fez com

que *A Cigarra* se firmasse como uma revista ilustrada de variedades, como algumas das revistas daquele período (cf. MATOS, 2008).

Figura 1. *A Cigarra*, maio, 1919.



Sendo caracterizada como uma revista indicada para variados tipos de público leitor, *A Cigarra* trazia textos com uma linguagem descontraída, e outros com uma linguagem um pouco mais formal. Era uma revista que não seguia uma linguagem totalmente acadêmica trazia um discurso pouco elaborado, pois também se tratava de uma estratégia para atrair seus leitores, sendo grande parte da população analfabeta.

Outro aspecto a ser ressaltado é a constituição do periódico. Todos os exemplares eram iniciados por páginas de propagandas; logo após, vinha a seção de “Crônicas” ocupando uma página (cf. figura 1); na sequência, meia página dedicada ao expediente, sendo seguidos por páginas de fotografias entremeadas com os contos,

poesias (cf. figura 2), reportagens, e seções destinadas ao entretenimento sem uma ordem específica (cf. MATOS, 2008).



Figura 2. *A Cigarra*, maio, 1919.

Cabe lembrar que *A Cigarra* deu início à carreira de vários autores, ilustradores e caricaturistas, tais como Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Léo Vaz, Menotti Del Picchia, Paulo Setúbal, Monteiro Lobato, entre outros. Isso deve-se ao fato da revista trazer em seu conteúdo as crônicas, os contos, as fábulas e as poesias de tais personalidades que faziam parte do grande projeto editorial da revista de ser mundana, de variedades, cujos conteúdos procuravam agradar a todos os tipos de público leitor. Assim, portanto, foi através de pequenas partes bem estruturadas que a revista permaneceu fazendo parte da grande imprensa paulista (cf. Matos, 2008).

Atualmente, podemos encontrar *A Cigarra* em um site do Estado de São Paulo¹. É um acervo construído com base na memória da imprensa paulista cuja idéia principal

Sobre a organização da revista, Matos afirma que (2008, p.09)

[...] *A Cigarra* mistura diferentes linguagens visuais e textuais, mas a presença da literatura é constante nas edições. Com intensa publicação de textos literários misturados a fotografias, anúncios e a uma variedade de assuntos, a leitura da revista significava o salto de um assunto a outro na mesma página e parece indicar a definição de um modo de fazer revista de variedades para uma diversidade de leitores, cada vez mais anônimos, que vai ganhando forma ao longo das primeiras décadas do século XX.

¹ Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriainpressna/>.

é mostrar a evolução da imprensa em pouco mais de um século. Parte dessa história está no acervo digitalizado de jornais e revistas do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), onde existem periódicos importantes por retratarem costumes e o pensamento da época em que foram escritos.

Dentro da seção de revistas, o Arquivo disponibiliza títulos de pequena expressão numérica e grandes coleções, mencionando como exemplo *A Cigarra*, com mais de 300 exemplares. Como já mencionado, suas publicações compreendem os anos de 1914 a 1975, sendo lançada quinzenalmente.

Para esta pesquisa, selecionamos três anos da primeira década de publicação do periódico, englobando os anos de 1914, 1919 e 1924. Este recorte temporal foi necessário para tornar viável uma análise sincrônica do fenômeno em estudo, com resultados que satisfizessem as expectativas esperadas.

3.2. Seleção dos dados

A composição do *corpus* foi baseada em critérios que auxiliam na pesquisa de fenômenos variáveis no nível da construção sintática. Esta variação, por sua vez, está sendo, aqui, representada pela posição do sintagma nominal responsável pela ação ou processo descrito pelo verbo. Buscamos analisar de que modo os elementos de uma sentença podem influenciar na construção frasal. Assim sendo, o nosso *corpus* é constituído somente de orações que possuem o sujeito explícito, o que nos possibilita verificar sua anteposição ou posposição ao verbo.

Além disso, o *corpus* é formado somente por sentenças declarativas, excluindo as orações interrogativas e imperativas. Isto deve-se ao fato de orações interrogativas possuírem elementos sentenciais que influenciam na posição do sujeito, como em: *Porque a Goodyear não fabrica camaras de ar vermelhas?* (*A Cigarra*, setembro, 1919, nº119, p.09- grifo nosso). Este é um exemplo de sentença que contém o sujeito explícito (Goodyear), porém é uma oração interrogativa que inclui um pronome interrogativo que introduz a sentença, o que pode influenciar a posição do sujeito. As sentenças imperativas também constituem um contexto que, ou desfavorece o sujeito explícito, ou, quando explícito, favorecem a posposição. Nesse sentido, qualquer sentença que se apresentasse como interrogativa ou imperativa foi excluída da constituição do *corpus*,

porque sua inclusão implicaria no controle de outros fatores e no aumento da amostra, tornando a pesquisa inviável.

Outro caso de exclusão ocorreu em sentenças relativas em que o pronome relativo corresponde ao sujeito. Ao empregar um pronome relativo em uma oração, a sua posição sempre será antes do verbo e fazendo menção a um outro termo da oração que, nesse caso, seria o sujeito. Assim sendo, o pronome relativo exerce a função de sujeito perante o verbo quando o sujeito não está explícito na sentença: *[a pianola e a pianola-piano] são os unicos aparelhos que possuem estes aperfeiçoamentos [...]*(A *Cigarra*, março, 1914, nº01, p.04- grifo nosso). Nesta sentença, nota-se que não há um sujeito explícito na sentença relativa. O referente do pronome relativo e de um possível sujeito nulo ligado ao verbo “possuem” é “aparelhos”, que está na oração principal, funcionando como elemento relativizado.

3.3. Grupos de fatores analisados

Os fatores que serviram de base para a análise do *corpus* foram selecionados a partir das conclusões de outros estudos, que mostraram que são relevantes para a explicação desse fenômeno. Para descobrir se há variação na posição do sujeito, precisávamos de constituintes da sentença que nos auxiliassem nessa descoberta e que fossem, talvez, um elemento que influenciasse na ordem dos elementos sentenciais. Esta pesquisa, além de verificar com qual frequência o sujeito varia de posição, procura saber se existe alguma regularidade nessa frequência, se os elementos que constituem a sentença fazem com que ora o sujeito seja anteposto, ora posposto.

Sendo assim, primeiramente, analisamos a construção da sentença com Sujeito, Verbo e complementos (quando presentes), assim simplificados: SV(X). A partir dessa situação, construímos outras situações possíveis de variações e que poderiam ser encontradas nas sentenças analisadas. Abaixo, a relação de construção frasal trabalhada na pesquisa com exemplos retirados do *corpus*:

a) SV(X) : Este maravilhoso xarope tem feito milhares de curas nas

S V X

enfermidades dos órgãos respiratórios. (*A Cigarra*, janeiro, 1924, nº223, p.03)

b) VS(X): Poderá V.Ex. encontrar presente[...].

V S X (*A Cigarra*, janeiro, 1924, nº223, p.07)

um argumento interno (que corresponde em estruturas transitivas ao SN complemento), como explicam Cyrino, Nunes e Pagotto.

Em função de selecionarem apenas um argumento, verbos como *sumir*, *cair*, *desaparecer*, *tossir*, *espirrar* e *dormir* são tradicionalmente classificados indistintamente como intransitivos. [...] no entanto, [...] estamos lidando com duas classes distintas de verbos [...]. Verbos como *cair*, *sumir* e *desaparecer* selecionam um argumento interno [...] e portanto podem estar sujeitos a processos sintáticos que afetam argumentos internos; verbos como *tossir*, *espirrar* e *dormir*, por outro lado, selecionam um argumento externo. [...] Note que, na ausência de um argumento externo para competir com a posição de sujeito, o argumento interno é candidato legítimo para ocupar essa posição [...]. (CYRINO, NUNES, PAGOTTO, 2008, p.61- grifos dos autores)

Abaixo, exemplos dessas classificações verbais:

a) **Intransitivo:**

*Além dessa performance e das inúmeras outras levadas a efeito na Europa a Motocicleta FN **sahiu** victoriosa nas corridas de Montevideo e Circuito de Itapeperica em São Paulo. (A Cigarra, março, 1914, nº01, p. 02)*

b) **Inacusativo:**

*A praga dessas formigas **extingue-se** infallivelmente pelo processo Maravilha Paulista. (A Cigarra, janeiro, 1919, nº104, p.34)*

c) **Transitivo** (direto ou indireto):

*Dynamogenol não **contém** strychnina, arsênico ou qualquer outra droga venenosa. (A Cigarra, julho, 1919, nº115, p.12)*

d) **Bitransitivo:**

*O gato ao rato **prefere** o Lacta! (A Cigarra, abril, 1919, nº109, p.02)*

e) **Ligação:**

O Sangue Viciado é a causa latente de todas as moléstias. (A Cigarra, março, 1919, nº107, p.08)

Em seguida à classificação verbal, analisamos tipos de sujeitos que poderiam aparecer nas sentenças contidas nos anúncios publicitários. A classificação do sujeito adotada para a análise envolve, além do conhecido pronome pessoal, sintagma nominal, nome próprio, pronome demonstrativo, pronome indefinido e pronome de tratamento.

Estas são as possíveis classificações de sujeito que apareceram no *corpus*, portanto, serão as únicas classificações que darão suporte para a análise, podendo demonstrar alguma influência na organização da construção sentencial. Logo abaixo, alguns exemplos dessa classificação retirados do *corpus*.

a) **Sintagma nominal:**

Os dyspepticos não necessitam dieta. (A Cigarra, janeiro, 1919, nº104,p.08)

b) **Nome próprio:**

As Pastilhas Valda antisepticas são extraordinariamente superiores a tudo o que tem sido descoberto até hoje. (A Cigarra, janeiro, 1919,nº104, p.04)

c) **Pronome pessoal:**

Elles estão abroquelados com um brilhante escudo. (A Cigarra, fevereiro, 1919, nº105, p.05)

d) **Pronome demonstrativo:**

Porém isto pode ser sanado com o uso de um remédio. (A Cigarra, fevereiro, 1919, nº105, p.40)

e) **Pronome indefinido:**

Porque nesta epocha de tanta decadência orgânica todos precisam de ferro, arsênico e fósforo. (A Cigarra, setembro, 1919, nº119, p.15)

f) **Pronome de tratamento:**

V.S. pôde obter calçado com sola Neólin em qualquer casa retalhista de calçado. (A Cigarra, setembro, 1919, nº119, p.13)

Como última parte da análise das sentenças, classificamos a voz da construção sintática. Nesse sentido, as vozes ativa e passiva são os termos que classificam a construção da sentença, não nos alongando até as categorias em que se subdividem essas vozes (analítica, reflexiva e sintética). Então, uma oração como *Neólin não é um substituto do couro* (A Cigarra, setembro, 1919, nº119, p.13) foi classificada como sendo voz ativa; e *O cofre só pode ser aberto no Banco* (A Cigarra, dezembro, 1914, nº14, p. 48] apenas como voz passiva.

4. Análise dos dados

4.1. Resultados gerais

Além da análise feita anteriormente com os grupos de fatores, após a classificação de todo o material coletado, foi feita a contagem do número de vezes que a posição do sujeito aparece posposto ao verbo, segundo os grupos de fatores anteriormente mencionados (com o auxílio do programa estatístico Goldvarb-X - Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001; Tagliamonte, 2006). Os resultados obtidos confirmaram que o SN sujeito aparece com maior frequência anteposto ao verbo. Em 480 sentenças, 93,3% dos casos foram de sujeitos que antecederam o verbo, correspondendo a 448 dados, contra 6,7% de sujeitos pospostos.

Destes 6,7% de sujeitos pospostos, cabe destacar que alguns verbos permitem uma maior incidência de sujeitos pospostos, como mostram os resultados apresentados na tabela 3:

Tabela 3. Porcentagem de posposição com tipos de verbo

	Posposto	Anteposto	Total
Transitivo	7,4% (18)	92,6% (224)	50,4% (242)
Intransitivo	0	100% (7)	1,5% (7)
Bitransitivo	0	100% (32)	6,7% (32)
Ligação	4,5% (8)	95,5% (171)	37,3% (179)
Inacusativo	30% (6)	70% (14)	4,2% (20)

Dentre eles, destaca-se o inacusativo. Dos 20 casos de verbo do tipo inacusativo, 30% apareceram com sujeito posposto, como em: *Existem contra a caspa muitas loções mais ou menos perfumadas e de resultados illusorios* (A Cigarra, agosto, 1919, nº117, p.57); *Livres de falsidades e isentos de lúgubres mysterios, brilha com elles a esplendorosa luz da intelligencia.* (A Cigarra, dezembro, 1919, nº125, p.09). É um número considerável comparando-se com o índice geral de aparições de sujeitos pospostos, que é de 6,7%.

Outro caso relevante é o tipo de sujeito, como verificamos pelos resultados expostos na tabela 4.

Tabela 4. Porcentagem de posposição com tipos de sujeito.

	Nome próprio	Demonstrativo	Sintagma nominal	Tratamento	Pessoal	Indefinido
Posposto	3,1	9,1	8,9	25,0	0	0
Anteposto	96,9	90,9	91,1	75,0	100	100

Foram 16 casos de sujeito do tipo pronome de tratamento dos quais 25% apresentaram posposição ao verbo. Alguns destes casos ocorreram em frases como: *Por este preço pode V.Ex. adquirir de seu fornecedor um estojo Midget Cutex, de experiência (A Cigarra, janeiro, 1924, nº223, p.07); Tenha V.S. cuidado de não comprar os legítimos Comprimidos Bayer de Aspirina (A Cigarra, fevereiro, 1919, nº105 p.05); Insista V.S. em obter do seu fornecedor calçado com sola Neólin (A Cigarra, julho, 1919, nº115, p.13).* Nos demais tipos de sujeito, a posição mais relevante é a anteposição.

No entanto, ao olharmos o sujeito expresso por um sintagma nominal acompanhado do verbo inacusativo, notamos um número considerável de posposição comparado com os dados gerais. Na contagem total, apareceram 235 casos de SN, sendo 21 deles de sujeito posposto. Não parece muito significativo quando analisamos o dado isolado, mas fazendo o cruzamento deste tipo de sujeito com os tipos de verbos, tem-se um resultado no mínimo interessante (cf. tabela 5).

Tabela 5. Tipo de verbo x Tipo de sujeito²

	Transitivo		Bitransitivo		Ligação		Inacusativo	
	Quant.	Posp.	Quant.	Posp.	Quant.	Posp.	Quant.	Posp.
Próprio	90	4%	10	0	91	2%	2	0
SN	119	8%	20	0	75	7%	17	35%
Tratamento	15	27%	1	0	0	0	0	0
Pessoal	10	0	2	0	5	0	0	0

² Note-se que o tópico “quantidade” expresso na tabela apresenta o total de dados daquele tipo sujeito com aquele tipo de verbo, não sendo somente a quantidade de elementos pospostos, pois inclui também os números de elementos antepostos.

Cruzando todos os dados de tipo de sujeito com todos os tipos de verbo, nota-se a quantidade de aparições de cada um dos tipos de sujeito com cada um dos tipos de verbo. Como já mencionado, são 235 casos de SN que foram distribuídos com todos os tipos de verbos, com alguns aparecendo mais e outros menos. Seu maior emprego foi com verbos transitivos (119 dados) e os antecedendo; apenas 8% dos SNs com verbos transitivos eram pospostos ao verbo. Porém, 35% dos SNs com verbos inacusativos apareceram na posição de posposto. É um número relativamente alto quando o comparamos com a porcentagem geral dos casos de sujeito empregados nessa posição (6,7%).

Também no caso do pronome de tratamento, pudemos verificar com qual verbo o pronome de tratamento permitiu a posposição. O verbo transitivo ocorreu em todas as posposições do pronome de tratamento, isto é, são 15 dados de pronome de tratamento que apareceram com verbo transitivo, sendo que 4 deles (27%) são de sujeito posposto. Nos demais cruzamentos de sujeito e verbo, as incidências de posposição foram baixas, não sendo de grande relevância.

O último grupo de fatores considerado na análise foi a voz da construção. Na tabela 6 temos os resultados gerais dessa análise.

Tabela 6. Posição do sujeito segundo a Voz da construção.

	Posposto	Anteposto	Qtde de ocorrências
Ativa	5,9%	94,1%	427 (89%)
Passiva	13,2%	86,8%	53 (11%)

Nos casos de voz da construção, 89% das orações ocorreram na voz ativa, tendo sido 5,9% dessas sentenças construídas com sujeito posposto, um número baixo comparado com a quantidade de casos que apareceram nessa mesma voz. O mesmo não acontece com as orações da voz passiva. A quantidade de sentenças construídas com essa voz foi menos significativa, 11%. No entanto, dos 53 casos de passiva, 13,2% tinham o sujeito posposto, índice mais alto que o índice geral.

Ao fazermos o cruzamento desse grupo de fatores, voz da construção, com o grupo tipo de verbo, notamos que as sentenças construídas com o verbo inacusativo e que possuem sujeito posposto apareceram todas na voz ativa, dentre elas a sentença

Existem contra a caspa muitas loções mais ou menos perfumadas e de resultados illusorios (A Cigarra, agosto, 1919, nº117, p.57). Em contraposição, as sentenças com verbos transitivos, que também apresentaram números significativos relativos à posposição, apresentam um número considerável de sujeitos pospostos na outra voz, a passiva (18% de 39 casos), como na sentença: [...] *se obtem, correspondente aos pequenos orificios á margem esquerda dos rolos, os movimentos do pedal forte nos momentos justo* (A Cigarra, março, 1914, nº01, p. 04).

Interessante observar que os verbos intransitivos e bitransitivos, tanto na voz ativa como na passiva, não apresentaram sujeito posposto. Dado relevante, já que verbos intransitivos, sendo mono-argumentais, permitiriam sujeitos pospostos com mais facilidade, como mencionado no tópico 3, “Objeto de estudo: a posição do sujeito”. Verbos bitransitivos, desde que se assegure uma perfeita comunicação, permitem que se faça a inversão entre sujeito e complemento. Porém, não foram registradas posposições com nenhum destes verbos.

O mesmo caso pode ser notado com alguns tipos de sujeito. Pronomes pessoal e indefinido não apresentaram índices de posposição, como vimos representado na Tabela 4. Além disso, quando cruzamos estes dados com o grupo de fatores voz da construção, vimos que o tipo de voz predominante na anteposição é a ativa, tendo a passiva poucos casos registrados com aqueles pronomes. No entanto, outros tipos de sujeito, como o nome próprio e o SN, que mostraram resultados de posposição, apresentaram a maioria de suas posposições na voz passiva. A tabela a seguir aponta com maior clareza estes resultados.

Tabela 7. Porcentagem de dados relativos ao Tipo de sujeito x Voz da construção.³

		Próprio	SN	Tratamento	Pessoal	Indefinido	Demonstrativo
	Posp.	2%	8%	27%	0	0	11%
Ativa	Antep.	98%	92%	73%	100%	100%	89%
	Posp.	17%	14%	0	0	0	0
Passiva	Antep.	83%	86%	100%	0	100%	100%

³ É importante observar que a porcentagem dos dados contidos nas tabelas deve sempre ser comparada com a porcentagem geral dos dados de posposição (6,7%) e anteposição (93,3%).

4.2. Investigando os padrões de construção

Na recente análise, vimos que o sujeito tende a ser anteposto ao verbo. Contudo, algumas construções permitiram uma inversão nessa ordem, deixando o sujeito posposto ao verbo. Como já explicitado, foram totalizadas 480 sentenças, todas retiradas de anúncios publicitários da revista *A Cigarra*. Destas sentenças, somente 32 continham o sujeito posposto, algumas tendo o sujeito logo após o verbo e outras tendo o sujeito posposto separado do verbo por um complemento.

Assim sendo, por meio das construções empregadas na análise das sentenças, destacamos as que apresentaram o sujeito posposto. A partir delas, procuramos sintetizar com quais elementos sintáticos elas foram construídas: tipo de verbo, tipo de sujeito e tipo de complemento.

Pela contagem dos dados, as construções com posposição que ocorreram com mais frequência foram VXS (verbo+complemento+sujeito) e XVS(X) (complemento+verbo+sujeito). Foram contabilizadas 11 sentenças do tipo VXS e 15 do tipo XVS(X). Há, ainda, um outro tipo de construção sintática avaliada, VSX (verbo+sujeito+complemento), porém não apresentou resultados significativos. Desta construção sintática, foram contabilizadas somente 6 sentenças, não sendo um número significativo.

É importante ressaltar, por sua vez, os elementos sintáticos que permitiram esse tipo de construção. Começando pelo verbo, elemento definidor de uma oração, ele pode ser a “chave” para a variação do sujeito. Durante a pesquisa, o verbo do tipo inacusativo permitiu uma maior incidência de sujeitos pospostos. Foram 20 sentenças coletadas com este tipo de verbo, e deste total, 6 apresentam sujeitos pospostos. Sendo assim, pela análise, notamos que estes 6 sujeitos pospostos se dividiram nas construções VXS (4 sentenças) e XVS(X) (2 sentenças).

Um outro tipo de verbo aparece nessas construções sintáticas, VXS e XVS(X), o transitivo. Naquela construção, destacaram-se 4 sentenças com verbos de tipo transitivo; nesta, foram 8 orações. Além deste verbo, o de ligação também mostrou números de posposição, todos divididos naqueles dois tipos de construções. Ou seja, 5 das 8 sentenças com sujeito posposto e verbo de ligação, foram construídas em XVS(X), o restante das orações, 3 apenas, mostraram-se construídas em VXS. Dessa forma, concluímos que estas construções sintáticas com sujeitos pospostos, trouxeram somente

três dos cinco tipos de verbos: inacusativo, transitivo e ligação. Isso pode significar, talvez, que estes verbos permitam mais facilmente esta posição do sujeito.

Além dos verbos, outro fator presente nessas construções pode ser relevante quanto à posposição do sujeito. Os próprios tipos de sujeito podem ter uma relação com a variação da ordem deste sintagma nominal. Isto pode ser notado com os resultados dos dados. Com aqueles tipos de construções, VXS e XVS(X), somente dois tipos de sujeito se destacaram: SN e pronome de tratamento. Foram 21 casos de posposição do sujeito tipo SN, tendo todos a ocorrência daqueles tipos de verbo: inacusativo, transitivo e ligação, e com aqueles tipos de construção: 9 sentenças construídas em VXS, e 12 construídas em XVS(X). Já o pronome de tratamento, com 4 casos de posposição, obteve somente uma sentença com um daqueles três tipos de verbos (transitivo), tendo sido construída em XVS(X).

No entanto, mesmo com estes casos de posposição, divididos entre aquelas construções e com alguns tipos de sujeito, a ordem mais freqüente contida nas sentenças coletadas foi a anteposta, como já mencionado. 448 orações foram classificadas como antepostas, sendo separadas, como as pospostas, por tipos de construção. Dessa forma, podemos verificar qual a construção de anteposição mais recorrente e, por conseguinte, analisar os tipos de sujeito que aparecem nessas construções.

A partir dos resultados, vimos que a construção mais freqüente de anteposição foi SV(X), sujeito+verbo+complemento, tendo um total de 370 sentenças. Há, também, uma segunda construção, SXV, que obteve 43 sentenças, um número baixo comparado ao primeiro e alto em relação aos números de posposição. A terceira classificação de construção, XSV(X), apresentou resultados de orações antepostas um pouco menores em relação aos anteriores, 35 sentenças.

Detendo-nos apenas na primeira construção, SV(X), que apresentou resultados elevados, procuremos destacar os elementos constituintes destas sentenças, como o tipo de sujeito e tipo de verbo. Dessa forma, verificamos qual a freqüência no emprego das categorias que compõem estes sintagmas, influenciando, de alguma forma, a posição do sujeito.

Os resultados mostraram que os tipos de verbo mais recorrentes nas sentenças antepostas foram o transitivo e o de ligação. O primeiro apresentou 224 orações que continham o sujeito anteposto; já o segundo, 171 sentenças. No entanto, esses são os números totais de casos de verbo que apresentaram sujeito anteposto, ou seja, estes

verbos ocorreram em todas as construções antepostas, mencionadas anteriormente. Contudo, para a construção mais freqüente, SV(X), foram contabilizados números um pouco mais restritos, tendo o verbo transitivo 183 orações e, o verbo de ligação, 151 sentenças.

Em relação ao tipo de sujeito nas orações antepostas, encontramos maior ocorrência com o nome próprio e com sintagma nominal. Com aquele, foram 188 sujeitos antepostos, e com este foram 214 sentenças com este tipo de sujeito anteposto ao verbo. Nos demais tipos, as ocorrências são em números menores.

Em relação à construção SV(X) com estes tipos de verbo (transitivo e ligação) e de sujeito (SN e nome próprio), tem-se 94 sentenças construídas com verbo transitivo e com sujeito do tipo sintagma nominal, e 65 com este mesmo verbo e com sujeito do tipo nome próprio. Nesse sentido, temos nesta mesma construção, 58 sentenças com verbo de ligação e SN; já, 82 orações SV(X) continham este verbo, ligação, e sujeito tipo nome próprio.

Então, considerando-se todos os dados expostos de posposição e anteposição, conclui-se que o sujeito é mais freqüente antes do verbo e, geralmente, com a construção SV(X). Porém, isto não significa que não há variação na posição deste sintagma nominal. O que se pode afirmar é que houve casos de posposição, porém não foram tão expressivos, talvez devido à baixa quantidade de dados coletados. Deve-se ressaltar, no entanto, que alguns elementos da sintaxe, como alguns verbos, por exemplo, permitem mais facilmente que o sujeito se posicione após o verbo. Assim sendo, já podemos inferir respostas desta análise.

5. Conclusão

A partir dos estudos sobre a posição do sujeito, realizados por Berlinck (1989) e Pontes (1987), sobre os quais nos baseamos, pudemos realizar uma pesquisa satisfatória no que diz respeito àquele fenômeno sintático da língua. A língua, como vimos, sofre variações com o transcorrer do tempo, o que faz com que adquira marcas lingüísticas da sociedade que a falou e a fala. Nesse sentido, a língua sempre “procura” se adaptar ao seu momento histórico, o que acarreta, às vezes, mudanças. Por isso é relevante um estudo histórico da língua, para podermos perceber que a língua está em um contínuo processo evolutivo, lento e gradual.

Além disso, outra teoria abordada nesta pesquisa diz respeito ao gêneros textuais, vistos por Marcuschi (2008) de uma forma mais geral, que inclui variados tipos de textos, e por Bathia (2001) de uma forma mais específica, que focaliza mais o gênero textual que caracteriza os textos de onde extraímos nosso *corpus*. Os anúncios publicitários foram o caminho para chegarmos aos resultados sobre a posição do sujeito no início do século XX, pois supõe-se que é empregada uma linguagem menos formal nesse tipo de texto.

Dessa forma, coletamos todas as sentenças contidas nos anúncios que apresentavam o sujeito explícito, em revistas que correspondiam aos anos de 1914, 1919 e 1924. Posteriormente, analisamos e “esmiuçamos” as sentenças com grupos de fatores que fazem parte da sintaxe. Analisou-se *tipo de verbo*, *tipo de sujeito*, *voz da construção* e a *ordem de construção*, procurando encontrar casos de posposição entre as sentenças.

Ao final da análise dos resultados foi possível concluir que a posição do sujeito varia de acordo com o verbo utilizado na sentença. Todavia, isso não implica em uma mudança definitiva na posição do sujeito. Foram poucas as ocorrências de posposição, tendo a maioria delas aparecido com o verbo inacusativo. Outro item que podemos considerar relevante para a posposição é o tipo de sujeito. A maioria das posposições ocorreram com sujeitos do tipo SN e pronome de tratamento, tendo sido construídas, em sua maioria, na voz passiva. Desse modo, podemos apresentar o contexto em que ocorre posposição (com estes elementos sentenciais), definindo um perfil de ocorrência desse arranjo (posposição) na sentença.

Além disso, vale ressaltar que foram poucos dados analisados, o que significa que para se confirmar uma mudança na língua precisaríamos de um número maior de dados, além de comparar nossos resultados com estudos sobre estágios anteriores da língua. Interessante seria continuar a análise com esse periódico a partir dos anos seguintes para, assim, concluirmos se, de fato, está ocorrendo uma mudança lingüística significativa na posição do sujeito.

6. Referências bibliográficas

BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p.95-112.

BHATIA, Vijay K. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, Bruxelles, 75:629-652. 1997. [Tradução: Benedito Gomes Bezerra]. In: Revista de Letras-nº 23, vol. 1, 2001.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E.. Complementação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, Milton (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença III**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ELEUTÉRIO, M. de L. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo histórico das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MATOS, Hivana Mara Zaina de. A Revista *A Cigarra* no espaço urbano 1914-1934. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Poder, Violência, Exclusão, 19., 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ANPUH/SP-USP, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais no ensino de língua*. In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PONTES, Eunice. A ordem VS em português. In: PONTES, Eunice. **O Tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987. p.105-147.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.117-133.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolingüística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.